

O GÊNERO DISCURSIVO “ZINE” E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA, A CULTURA E A SOCIEDADE

Lydiane Marques Coimbra (UEMS)

lydianemc@gmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

“Zines” são publicações independentes, pouco sujeitas a rotinas temáticas, estilísticas e composicionais. Originalmente circulavam em grupos de fãs de ficção científica para o compartilhamento de informações, e tiveram seus modos de produção, bem como a composição temática, expandida para outros grupos socialmente organizados. Nesta pesquisa, nos propomos a analisar o campo discursivo de duas zines, uma de cunho informativo e outra de cunho artístico, de modo a tornar evidente a potencialidade discursiva dos enunciados deste gênero, nas escolhas lexicais e demais semioses que expressam em si diferentes vozes, sentidos e ideologias. Em uma perspectiva discursivo-dialógica, fundamentada nas ideias do Círculo de Bakhtin, pretendemos situar as “zines” como um gênero discursivo em variadas esferas de atividade humana, relacionando-as à história, à cultura e à sociedade, de modo a contribuir para a compreensão dessas práticas sociais mediadas pela linguagem.

Palavras-chave:

“Zine”. Gênero do discurso. Análise dialógica do discurso (ADD).

ABSTRACT

Zines are independent publications, not bound by compositional, stylistic and thematic routine. Originally they were diffused among science fiction fan groups with the aim of sharing information, they had their means of production, as well as thematic composition, expanded amongst other socially organized groups. In this research, we aim at analyzing the discursive field of two zines, one of informative nature and another of artistic nature, with the goal of making evident its discursive potentiality through its lexical utterances and choices and other semiosis that express in themselves different voices, meanings and ideologies. For that, through a dialogical-discursive lens based on the writings of Bakhtin’s Circle, we also aim at promoting the perspective of zines as a discursive genre in the field of human activity, relating them to history, culture and society, with the intention of contributing to the comprehension of these social practices mediated by language.

Keywords:

Zine. Discourse genres. Dialogic Discourse Analysis (DDA).

1. Introdução

Na obra *O que é fanzine*, Henrique Magalhães (1993) define a “zine” como um “gênero da imprensa alternativa” (MAGALHÃES,

1993, p. 7). Diante da carência de informações sobre este gênero e de sua crescente popularização, que se deu a partir dos anos 1970 nas cenas musicais e político-ativistas, o autor buscava elaborar, na referida obra, uma definição deste gênero, compreendido como pertencente ao discurso jornalístico. A “zine” também é considerada uma publicação alternativa, pelo fato de sua configuração gráfica se assemelhar à dos jornais e revistas, em razão da sua característica impressa e da sua finalidade de circular informações e notícias sobre os mais variados temas, ao mesmo tempo em que se afastam destas. Isto porque a “zine” possui a característica de não seguir os padrões de editoração impostos às revistas e jornais, muito embora o autor seja responsável por todo o trajeto da produção, desde a concepção do tema, “da coleta de informações, da composição, da montagem, ilustração, paginação, tiragem, distribuição” (MAGALHÃES, 1993, p. 10), como ocorre na produção de uma revista.

Apesar de terem sido consideradas como um “jornal amador”, as “zines” foram criadas com uma outra finalidade, e sob outro nome: *Fanzine*. Surgem em 1930, nos Estados Unidos, as primeiras publicações na comunidade da ficção científica. As produções são confeccionadas por fãs - nesse sentido, há a explicação da denominação *Fanzine* ser derivada da junção das palavras *fanatic* (*fanático*) e *magazine* (*revista*) -, com o objetivo de propagar, entre os aficionados, informações desconhecidas do gênero *sci-fi* a respeito de determinados super-heróis e heroínas, ou então, com novas propostas de desfecho para as histórias oficialmente publicadas. Essa produção era realizada de modo artesanal, com escrita manual, desenhos livres e autorais ou com colagens de frases, palavras e desenhos extraídos de livros, revistas etc., livre de regras gramaticais, formais, estilísticas e estéticas, bem como divulgada a mão, ou pelos correios, entre as pessoas desse grupo organizado.

Outros grupos escolhem fazer uso desse tipo de publicação, adaptando sua forma aos seus interesses e demandas específicos, trazendo à “zine” um teor revolucionário. Diante da necessidade de rebater ou complementar as produções jornalísticas produzidas pela grande imprensa, bem como das demandas de autoexpressão e auto-afirmação desses grupos perante a sociedade, em sua maioria formados por sujeitos que vivem e atuam à margem da sociedade, como por exemplo as mulheres que lutam pelos direitos feministas, os veganos, os LGBTQIA+, os anarquistas, as pessoas com deficiência, etc., as “zines” expandem a sua forma e ampliam possibilidades infinitas de conteúdo, visto que inexistente censura em seu processo de produção.

Desse modo, as “zines” passam a ser espaço de manifestações de diferentes linguagens e ideias político-ideológicas e também de manifestação artística, podendo ser produzidas por qualquer indivíduo, em grupo ou individualmente, e utilizadas para qualquer finalidade, bastando o autor fazer exercício de sua criatividade e dar abertura e incentivo ao seu desejo de expressão, já que ele se vê livre de exigências das editoras. Muito embora na obra de Henrique Magalhães o termo utilizado seja *Fanzine*, com as mudanças na forma e no conteúdo no transcorrer do tempo, a produção ganha outro nome, “zine”, por meio de um consenso tácito, pois deixa de ser um produto produzido exclusivamente por fãs, mas também por outros sujeitos que não se qualificam como tais.

Neste artigo, propomos a análise de duas “zines”, sob a perspectiva dialógica da linguagem, de modo a compreender as características deste gênero do discurso, bem como o modo como os sujeitos interagem entre si, nas esferas em que atuam e que são organizadas por meio de seus discursos, ou seja, por meio da construção de enunciados que se relacionam com a história, a cultura e a sociedade.

2. Da Análise Dialógica do Discurso

Com base no pensamento e obra do Círculo de Bakhtin, mais precisamente no capítulo da obra *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2006), sobre os gêneros do discurso, iremos apontar as características do gênero “zine”, de modo a situá-lo e caracterizá-lo como um gênero do discurso ímpar e heterogêneo. Nosso objetivo é mostrar como esse enunciado se compõe, ao mesmo tempo em que iremos conhecer duas das infinitas possibilidades de temas para este gênero, sendo uma “zine” de cunho político-informativo, e outra de cunho artístico-subjetivo, por meio da análise enunciativa dos enunciados e dos signos ideológicos que os constituem, sejam eles palavras ou outro tipo de semiose.

No decorrer de nossa análise, iremos nos colocar também neste campo enunciativo discursivo, ou seja, iremos interagir e nos posicionar frente aos objetos/enunciados colocados aqui, trazendo à tona certas possibilidades de sentido evocadas nesse encontro dialógico entre o pesquisador e o sujeito pesquisado (Cf. PAULA, 2013, p. 254).

Ademais, a própria teoria dos gêneros do discurso coloca como parte da relação dialógica discursiva a alternância dos sujeitos. Alternar os sujeitos, ou seja, alternar o momento da expressão de cada um, é essencial para a construção dos sentidos dentro da cadeia enunciativa.

Quando um sujeito enuncia, ele o faz em resposta a alguém ou a algo que o antecede, seja uma ideia, uma ideologia, um valor, etc. Assim, ele assume uma atitude responsiva e intencional que o move em suas instâncias internas e o fazem enunciar sobre si e sobre a sua realidade concreta. Ao mesmo tempo, quando o sujeito o diz, ele projeta um potencial enunciatário, que irá orientar e organizar as escolhas dos signos que irão materializar e matizar com ideologias e historicidade o seu pensamento. Ou seja, o sujeito também se coloca na posição de aguardar uma resposta, para assim dar continuidade a esta relação de interação, a este diálogo. Neste sentido, Bakhtin explica que:

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes, literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2006, p. 271)

Partindo dessa característica intrínseca aos discursos, seguiremos para a compreensão dos demais aspectos deste gênero plural e discursivo, a “zine”, sendo eles: a heterogeneidade constitutiva do gênero e suas características em uma dada esfera de atividade humana, qual seja seu tema, seu estilo e sua composição.

3. *Das características formais e funcionais do gênero discursivo “zine”*

Primeiramente, retomemos o percurso histórico da “zine” para melhor compreender por que as possibilidades são plurais. As “zines” surgiram como novas proposições, atualizando as práticas discursivas jornalísticas já estabelecidas, sedimentadas e que envolvem um grande número de colaboradores em sua produção, como os jornais e as revistas. Essa intencionalidade de fugir à regra carrega em si um desejo particular e rebelde de se colocar na via alternativa onde, conseqüentemente, o autor adquire uma grande autonomia no momento da concepção e materialização da sua ideia e do tema na “zine”, já que também essas produções são majoritariamente confeccionadas por apenas uma pessoa, de modo solitário.

É comum que o autor não possua um estilo e uma temática pré-estabelecidos no momento da produção, em alguns dos casos, e tampouco os almeje, portanto, ele se vê em uma posição de experimentador, trabalhando com diferentes formas estilísticas e estéticas, construindo aos

poucos seu conteúdo e estilo de acordo com as suas demandas e com as suas preferências. Nessa experimentação, o sujeito acaba criando um estilo que se funde com o gênero discursivo (BAKHTIN, 2006).

Por outro lado, há casos em que o autor já se vê munido de intencionalidade e ciente do tom do seu discurso, direcionando a sua mensagem às suas condições específicas de produção, ou seja, às particularidades da situação de interação, com suas finalidades ambicionadas em determinado campo discursivo, seja ele artístico, jornalístico, filosófico, etc.

Assim, diante da diversidade de enunciações, de conteúdos e sujeitos situados historicamente que atuam à margem e se posicionam em diversos campos da atividade humana por meio dessas publicações, as formas de “zines” enquanto estrutura e conteúdo são variadas e únicas, haja vista também a sua característica informal.

Os grupos marginalizados, especialmente, são um dos maiores responsáveis pela propagação do gênero em questão, bem como das novas proposições de composição, visto que fizeram uso desse recurso para se organizarem coletivamente e se posicionarem dentro das suas realidades e necessidades, apropriando-se do uso da língua e dos signos para fazer ecoar suas vozes, ideologias, defender e sinalizar as suas existências nos campos de conflito e interação discursiva humana, ou seja, no seu contexto social subdividido em classes sociais. Essa diversidade de “zines” serve como uma lupa para os sujeitos que não encontram espaço para se expressarem, e presença na realidade concreta em razão da censura, preconceitos e da repressão das grandes mídias massificadas. Os sujeitos criam o seu próprio espaço para a realização do diálogo, ainda que excluídos dos espaços comuns de interação social.

Um exemplo que bem elucida esse caso é a revolução realizada pelas feministas na década de 1990, em Washington e Olympia, nos Estados Unidos, conhecida como *Riot Girl*. Por meio das “zines” as meninas que frequentavam a cena musical do gênero punk se organizaram contra comportamentos misóginos e machistas, dos quais se viam reféns em razão de seu gênero sexual. Por meio da confecção e distribuição das “zines”, elas puderam expressar os incômodos e desconfortos sofridos, bem como puderam criar uma rede de apoio no meio. Desse movimento, originou-se um outro estilo de música punk, e conseqüentemente, de bandas compostas apenas por meninas, considerado como punk feminista, ampliando as mensagens de empoderamento e sororidade por meio da música (Cf. CAMARGO, 2011).

Contudo, a despeito da afirmação anterior da falta de regra estilística, é preciso salientar que o suporte geralmente costuma ser físico, facilmente manuseável, seguindo o padrão de um livreto concebido geralmente em folhas sulfite, mas que também pode se realizar nos mais diversos tipos de papel. Porém, ainda assim, as possibilidades de livreto são diversas entre si, como podemos observar nos modelos transcritos na imagem a seguir:

Figura 1: Modelos de “zines”.



Fonte: <https://pin.it/mfNDWGt>.

Portanto, essa liberdade e diversidade nas relações dialógicas e a informalidade do suporte enriquecem o traço heterogêneo constitutivo do gênero, de acordo com a teoria dialógica do discurso, que versa sobre os enunciados primários e secundários. A teoria bakhtiniana os apresenta do seguinte modo:

[...] os gêneros discursivos secundários (complexos - romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. [...] eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2006, p. 263)

A heterogeneidade deste gênero se constitui por enunciados que são em sua maioria informais e individuais, como no caso das “zines” que podem ser classificadas como poético-artísticas, ou até mesmo as de viés político. É muito comum encontrar desabaços, protestos, afirmações e desvelações personalíssimas enunciadas pela primeira vez, e até mesmo em primeira pessoa, ainda que em diálogo com enunciados anteriores

subentendidos, ao mesmo tempo em que são combinadas com textos já elaborados e extraídos de outras obras físicas por meio da combinação de colagens. Não obstante, a “zine”, enquanto tipo de enunciado, também é elaborada segundo o estilo do autor, diferentemente dos gêneros outrora sedimentados como a revista, por exemplo, caracterizando-se como um enunciado/discurso secundário, visto que “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2006, p. 263).

Em nosso diálogo com as “zines”, tomaremos muita cautela quanto à análise dos enunciados, em concordância com a proposta de Bakhtin, que salienta a necessidade de possuir uma “noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2006, p. 264).

Afinal, a observação da combinação dos gêneros é imprescindível para a compreensão do tom do discurso, uma vez que eles revelam o modo como o sujeito se coloca na enunciação, o modo como ele organiza a sua consciência para se posicionar no diálogo, conforme postula Bakhtin:

O tom é dado por determinados gêneros do discurso, e não só gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos) mas também primários (determinados tipos de diálogo oral - de salão, íntimo, de círculo, familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.). (BAKHTIN, 2006, p. 268)

4. Das “zines” escolhidas para a análise

Partiremos para a análise das “zines” escolhidas, em que será possível conhecer seu conteúdo, os sujeitos e a forma como fazem uso da língua para enunciar, o conteúdo com seus valores e matizes ideológicas, bem como o modo como o enunciado é estruturado diante da interação e a consideração pelo outro que integra seu discurso. É importante ressaltar que as “zines” escolhidas possuem uma média de 5 a 13 páginas. Em razão do espaço reduzido neste artigo, optamos por escolher algumas das páginas de modo a elucidar os aspectos mais relevantes observados neste gênero discursivo.

4.1. Comer é um ato político

A “zine” intitulada “Comer é um ato político” é de autoria da Revista Badaró, situada em Campo Grande-MS. Esta revista costuma reali-

zar publicações opinativas e literárias de matérias *on-line* no *site* <https://www.revistabadaro.com.br/>. Ela se mantém de forma independente e é financiada pelos leitores que consomem seus conteúdos. Em seu corpo há jornalistas, quadrinistas, psicólogos e pesquisadores que decidem e a administram coletivamente, de modo totalmente horizontal.

No entanto, a “zine” foi criada com o intuito de compor a cesta de alimentos orgânicos chamada de “Cesta da Reforma Agrária”, cujos alimentos são produzidos sem nenhum aditivo químico pelos produtores rurais dos assentamentos da reforma agrária do estado de Mato Grosso do Sul, e que integram o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

A distribuição das cestas ocorre no CEPEGE – Centro de Capacitação e Pesquisa Geraldo Garcia, localizado em Campo Grande-MS, um órgão cujo espaço é utilizado para as discussões políticas bem como a própria organização do MST. As cestas denominadas como cestas agroecológicas são compostas por produtos orgânicos, livres de agrotóxicos e demais produtos químicos e hortaliças.

Ainda sobre a intencionalidade discursiva da autora, podemos observar que a revista se coloca como uma parceira, e até mesmo portavoz, de um grupo coletivamente organizado, de modo a divulgar as ideologias que orientam o posicionamento e a atuação do Movimento dos Trabalhadores sem Terra na sociedade, e a levantar um questionamento a respeito do acesso à alimentação saudável no país.

Por se tratar de uma “zine” realizada pela revista, a publicação, enquanto estrutura, demonstra ter sido realizada digitalmente, sendo posteriormente impressa para a distribuição. Seu texto foi previamente elaborado, considerando que é uma prática da revista a revisão coletiva dos conteúdos que cria.

Situemos, pois, o contexto de produção do discurso da “zine” e com quem ela dialoga. O campo de atividade humana onde os enunciados são produzidos é um campo sociopolítico, habitado por sujeitos que têm um posicionamento assumidamente político-ideológico e combativo face à divisão de terras no Brasil que, segundo eles, não ocorre de modo justo, visto que os sujeitos mais privilegiados são as grandes empresas, muitas vezes internacionais, do agronegócio, que tratam a sua produção de modo lucrativo.

Ademais, em razão do lucro, a produção dessas empresas faz uso de práticas nocivas ao meio ambiente, à terra e à saúde humana, diante da sua grande produção intensa, tóxica e exploratória. Logo, temos um diá-

logo entre os produtores rurais x produtores da indústria capitalista e o agronegócio.

Podemos observar a seguir, na capa da “zine”, que por meio do enunciado “Comer é um ato político”, a autora esclarece a sua vontade discursiva de conscientizar o enunciatário do tema, por meio da afirmação “é”, que transpõe o ato de comer, uma ação humana e necessidade fisiológica do corpo, a um posicionamento que demanda uma atitude política e ativa dentro da sociedade.

Ao observarmos as imagens que compõem a capa, podemos depreender que se trata de uma ação que envolve, de modo convidativo, toda a sociedade, visto que ao fundo da imagem há três pessoas de mãos dadas, simbolizando a união diante da defesa e do pleiteamento de direitos relativos ao ato de comer. Ao redor do desenho da cesta da reforma agrária há a inserção do ramo grego, que simboliza vitória e triunfo. Ou seja, o acesso a uma alimentação de produtos orgânicos, que são produzidos em consonância com a saúde da terra e dos homens, passa a ser uma conquista a ser desfrutada.

Figura 2: Capa da “zine” “Comer é um Ato Político!”.



Neste sentido, na página seguinte a seguir, a autora, em diálogo com o funcionamento da estrutura da produção e comercialização de alimentos, assume uma posição crítica diante das condutas das grandes indústrias, do agronegócio e dos supermercados.

Observemos o enunciado a seguir: “estes, na busca pelo lucro acima da saúde, produzem alimentos ultraprocessados, com grande quantidade de agrotóxicos e acabam com a possibilidade de diversidade para uma alimentação balanceada.”

Ao evidenciar que o lucro está acima da saúde, em razão do contexto, fica subentendido que a autora considera a conduta desses sujeitos desprezível, pois o capital é mais valoroso do que a saúde, elemento essencial para a existência humana. A autora ainda os culpabiliza por quase tornar impossível o acesso à diversidade de produtos saudáveis, para tanto fazendo uso do verbo acabar, em “acabam”. Ademais, o prefixo “-ultra”, e o adjetivo “grande” intensificam a atitude crítica da autora, bem como evidenciam a gravidade da questão.

Para somar à crítica, há uma ilustração que corrobora e aponta para a ausência de opções orgânicas e saudáveis nas prateleiras dos mercados, sendo somente possível o encontro destas opções nas feiras realizadas de forma autônoma, independente e organizada dos produtores rurais. Na ilustração, os produtos das prateleiras são intitulados com os seguintes dizeres: “baixo valor nutric.” (referente a “baixo valor nutricional”), “contém veneno”, “transgênico”.

Figura 3: Página 1 da “zine” “Comer é um ato político!”.



Assim, colocada a questão para os enunciatários, ou seja, os compradores da cesta da reforma agrária, observamos também a intencionalidade de ressaltar que a importância do consumo, e conseqüentemente do apoio ao consumo, desses produtos, bem como de angariar aliados para a luta, forma como esses sujeitos enxergam a questão. Nesse sentido, a autora se propõe a contextualizar o enunciatário sobre a soberania alimentar, conceito sobre o qual se funda o direito que se almeja garantir na politização do ato de comer. Portanto, podemos observar que o convite para uma mudança de pensamento se dá por meio do enunciado interrogativo: “O que é? Por que (sic) a buscamos?”, na imagem a seguir.

Figura 4: Página 4 da “zine” “Comer é Ato Político”.



O uso do pronome possessivo, como em “nossa casa até os nossos modos de comer”, surte o efeito de aproximação do enunciatário para com essa realidade proposta pelo enunciador, de modo a fazê-lo se considerar dentro dessa nova possibilidade de realidade concreta, que já acontece para os que fazem parte desse grupo autônomo e organizado, ainda que fique à margem da sociedade de consumo predominante. O desenho da camponesa manuseando os alimentos humaniza a produção, de forma a representar o modo agroecológico, que é livre de agrotóxicos e sustenta as famílias, ao contrário da produção massiva voltada para o lucro.

4.2. Ultravioleta Indagações e Divagações no Meu Caderno

A “zine” a seguir é uma publicação de cunho artístico em razão da linguagem poética que ela veicula. Trata-se de uma “zine” com um estilo individual, datada no ano de 2018, repleta de gêneros primários, enunciados em primeira pessoa, assemelhando-se ao gênero diário.

A autora, Elisa Beatrix, se coloca no mundo mesmo quando se propõe a dialogar consigo mesma por meio desse gênero, intenção que fica comprovada em seu título. A colagem à capa se funde em uma composição artística, invocando uma atitude contemplativa no sujeito com quem a autora dialoga.

Na imagem a seguir, iremos observar algumas das intenções que mobilizaram a enunciadora na construção de seu discurso.

Figura 5: Capa da “zine” Ultravioleta Indagações e Divagações no Meu Caderno.



A enunciativa espera ativa e conscientemente pela atitude responsiva e, de certa forma, compreensiva de seus enunciatários. Ela tenta estabelecer uma conexão com eles por meio da dedicatória: “Esse “zine” é dedicado a todes que colocam o que sentem pra fora de alguma maneira. Pra quem sabe que nossa memória é fraca, que o tempo passa e é preciso se ouvir”. Nesse sentido, Bakhtin nos esclarece sobre as características do estilo íntimo:

O discurso íntimo é impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o falante abre as suas profundezas interiores. Isso determina a expressividade específica e a franqueza interior desses estilos. (BAKHTIN, 2006, p. 304)

Interessante observar como o uso de linguagem inclusiva diz sobre o modo como o sujeito se vê marcado pela historicidade de seu tempo, uma vez que ao fazer uso dessa marcação agramatical, ela se posiciona e reconhece as pautas sociais de linguagem inclusiva, muito comum em grupos marginalizados, recorrente à época de sua publicação.

Na primeira página, a autora tece algumas considerações a respeito da sua “zine”, muito semelhante às notas do editor que ocorrem nas revistas. Ela atende às características de criação livre do gênero quando assume que, “assim como nossas mentes, esse zine não faz sentido. É aleatório, diverso, contraditório”. Ou seja, a elaboração de seu enunciado foi feito de forma gradual, como a própria autora postula: “faço esse ritual de ler tudo só depois que termino a última página.”.

A elaboração gradual diz sobre os diálogos travados com as suas demandas muito íntimas e pessoais, atravessadas pelas ideologias feministas, e que a mobilizaram a materializar a sua resposta nestes enunciados.

Na imagem a seguir, podemos observar como a enunciadora constrói sentido na combinação de textos e imagens. O texto recortado diz sobre a dificuldade das mulheres experienciarem a vida sob a ótica ou cultura feminina, uma vez que a cultura da nossa sociedade é predominantemente marcada por ideologias masculinas. E em contraponto, há uma imagem de mulheres unidas sendo iluminadas por uma lâmpada. Ao considerarmos que as ideologias feministas possuem o escopo de fazer as mulheres se conectarem consigo mesmas através do empoderamento feminino, e que geralmente isso só é possível quando elas têm acesso aos valores pregados por essa ideologia, podemos então considerar esse conjunto composicional como a materialização desse discurso.

Figura 6: Página 2 da “zine” Ultravioleta Indagações e Divagações no Meu Caderno.



5. Considerações finais

A “zine”, além de ser um gênero discursivo que representa a vasta diversidade e riqueza de possibilidades de ser, estar e ver o mundo, também se revela como um fenômeno social que preza pela liberdade de expressão dos sujeitos, propondo um espaço seguro e acessível para que, por meio do uso da palavra, eles vocalizem e materializem as questões que dizem sobre a condição humana na sociedade, como no presente caso, a condição de pensar e significar de forma diferente do que se é esperado.

É um gênero relevante na análise da relação dialógica entre sujeitos, pois torna possível o vislumbre do horizonte de valores e ideologias que compõem cada um, individual e coletivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Edição traduzida do russo)

CAMARGO, Michelle Alcântara. “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). Dossiê: Feminismos Jovens, *Cad. Pagu*, junho 2011.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine?*, São Paulo-SP: Brasiliense, 1993.

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-58, jan./jun. 2013.